

## HOMILIA NO DIA DIOCESE

(04 de outubro de 2020)

Queridos diocesanos:

Sacerdotes, irmãs Religiosas e irmãos religiosos,  
Membros dos diversos movimentos e associações  
Catequistas, seminaristas, jovens e crianças!

1. No nosso **repertório musical religioso** encontramos um cântico com a seguinte letra: «*Somos um Povo em marcha; povo com destino certo. Temos uma missão que não podemos deixar: anunciar o Evangelho*».

A imagem de “*Povo em marcha*” recorda-nos o Povo de Israel que caminhava debaixo da nuvem, que guiava misteriosamente o itinerário do povo: **fazia-o ora parando**, inclusive por muito tempo e, portanto, suscitando privações e saudades, **ora levantando-se e movendo-se** e assim ia indicando o ritmo da marcha, **SOB A GUIA DE DEUS**.

A imagem do “*Povo em marcha*” reaviva em nós a figura do “*novo Povo de Deus*”, a Igreja de Cristo, povo adquirido e purificado pelo Sangue do Cordeiro Imaculado, Nosso Senhor Jesus; o povo de batizados - em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo - que forma a Igreja de Cristo, cuja expressão máxima se encontra também na Igreja Diocesana de Viana que, com o seu pastor e seus cooperadores, conserva em si as notas da verdadeira Igreja: una, santa, católica e apostólica.

Somos esse “povo em marcha”, reunido aqui em Assembleia, professando a nossa fé na Trindade Santa e renovando os nossos compromissos, enquanto caminhamos para a Jerusalém Celeste. É missão inadiável da Igreja Diocesana de Viana: anunciar Jesus Cristo, porque “*não há salvação em nenhum outro, pois não há debaixo do céu qualquer outro nome dado aos homens que nos passa salvar*” (Act 4, 12).

A missão implica fidelidade à doutrina, empenho, zelo e um “*lançar de novo*” as redes. A Igreja, enquanto “*senal e instrumento*”, da qual Cristo se serve para fazer chegar a todos os homens o “*dom da salvação*”, deve estar sempre em caminho à busca de novos métodos para aproximar o homem a Deus. É o “*lançar de novo*” as redes, por meio da evangelização e de uma catequese, sistemática e orgânica, cheia de ardor e nova nos seus métodos sobretudo nos dias que correm.

2. Com o coração cheio de gratidão a Deus, celebramos hoje o dia diocesano, o dia da nossa Diocese de Viana e do seu padroeiro São Francisco de Assis. Erigida pelo Papa Bento XVI, aos 06 de Junho de 2006, a nossa diocese vai fazendo ano após ano a sua história, uma história a ser conservada na

memória, celebrada com gratidão e assumida com renovado empenho missionário.

Celebrar o dia da nossa Diocese não é apenas recordar uma data, mas é uma ocasião de graça que o Senhor nos concede para um maior crescimento na fé e no compromisso de ser Igreja, “*Povo de Deus em marcha*”, que se alimenta da Palavra e da Eucaristia a fim de poder realizar com amor, fidelidade e generosidade a sua missão neste território de Viana, com sua riqueza de experiências de fé e de compromisso com a transformação social à luz dos apelos do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja.

3. Amados Diocesanos, celebrar o dia da diocese é também um convite a viver de modo comprometido o presente e a olhar com esperança o futuro desta Igreja ainda jovem, com todas as suas potencialidades espirituais e humanas. Se por um lado, não podemos negar os desafios, as lutas, os sofrimentos daqueles que deram os primeiros passos no anúncio e na vivência do Evangelho nesta diocese, tais como Dom Joaquim Ferreira seu primeiro bispo e outros missionários, ausentes e presentes; por outro lado, não podemos também adiar nem comprometer o crescimento espiritual dos filhos e filhas desta Igreja Particular.

A Cruz de Cristo, que ao mesmo tempo revela o amor de Deus e a sua imensa misericórdia, também revela as dores presentes na sociedade de ontem e de hoje. Muitas foram as dores do nosso povo e inúmeras as lutas empreendidas pela defesa da vida e dos valores do Reino. E a história da nossa Diocese se vai construindo por homens e mulheres que vivem a dinâmica do Reino de Deus.

Filhos e filhas vindos de diversos lugares, cada um com seus costumes, valores, tradições, somos chamados a formar a uma única família, a única Igreja diocesana, o Povo de Deus em marcha. Um povo unido, peregrino que sempre soube levantar os olhos para o horizonte e contemplar a presença de Deus apesar das cruzes do dia a dia. É uma caminhada marcada por tantos acontecimentos, muitos deles sem registros históricos.

4. Celebramos este dia singular, num momento muito particular para o mundo e para Angola que, como dizia o Santo Padre, “*à semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda*”, pela pandemia do Covid-19, que vai deixando rasto de temor e de morte. Mais uma vez, queridos diocesanos, conscientes de sermos uma só família que tem Deus como Pai de todos, não devemos deixar ninguém para trás ou sozinho, pois “*o Senhor interpela-nos e, no meio da nossa tempestade, convida-nos a despertar e activar a solidariedade e a esperança, capazes de dar solidez, apoio e significado a estas horas em que tudo parece naufragar*”. Continuaremos

a pensar nos outros, como nós também atingidos pela crise económica, partilharemos com eles a alegria do pedaço de pão repartido!

Agradeço o que já se tem feito, individualmente ou como instituição caritativa; agradeço aqueles homens e mulheres anónimos mas inscritos no livro da vida, que muito têm feito para que as nossas Caritas diocesana e paroquial continuem a ser a âncora de esperança daqueles milhares de irmãos que estão no limiar da pobreza.

Quero recordar mais uma vez o apelo feito no dia 15 de abril do corrente ano: *“conhecendo a situação real em que se encontram muitos dos nossos irmãos e irmãs e com pés assentes no chão, precisamos de pensar no que vai acontecer depois para não sermos surpreendidos. Na verdade, a crise sanitária já causou uma crise económica. E a crise económica se não for enfrentada logo, corre o risco de causar uma crise social. Uma crise social pode dar origem a outras crises ainda, em um processo no qual seremos obrigados a aprender lenta e dolorosamente a cuidar da nossa Casa comum”*.

5. Caros diocesanos, a letra do canto citado, na sua parte final assim soava: *“Temos uma missão que não podemos deixar: anunciar o Evangelho”*. Quer dizer que na nossa acção pastoral, como diocese, teremos sempre como ponto de partida Jesus Cristo, como no-lo recorda a Sagrada Escritura, *«Jesus Cristo é sempre o mesmo ontem e hoje e por toda a eternidade»* (Heb 13, 8). Como agentes de pastoral, todos devemos partir de Cristo novamente. Sim, deve-se partir de Cristo, porque d'Ele partiram os primeiros discípulos na Galileia (cfr. Mt 4, 12 -17), d'Ele, ao longo da história da Igreja missionária, partiram homens e mulheres de todas as condições e culturas os quais, chamados por Cristo, por Ele deixaram família e pátria, tornando-se disponíveis para o anúncio do Reino e para fazer o bem a todos (cfr. Act 10, 38). Como agentes de pastoral, Bispo, sacerdotes e leigos, podemos e devemos *“partir de Cristo”* porque Ele mesmo, em primeiro lugar, veio ao nosso encontro e se fez nosso companheiro de viagem, e acompanha-nos pelo caminho da vida (cfr. Lc 24, 13-22). A nossa vida é a proclamação do primado da graça; sem Cristo nada podemos fazer (cfr. Jo 15, 5), e tudo podemos, por outro lado, n'Aquele que nos dá força, Cristo nosso Senhor (cfr. Fl 4, 13).

No espaço temporal que vai até ao próximo encontro diocesano (03/10/2021), ao desafio acima indicado apontamos mais dois que deverão nortear a nossa acção pastoral. A **primeira acção pastoral** prende-se com o compromisso de ajudar os nossos jovens **“a testemunhar a própria fé no dia a dia e em todos os ambientes”**. Nas nossas comunidades cristãs e nas nossas paróquias, os jovens devem encontrar aquele acolhimento afectivo e efectivo. Pesa sobre nós, sobre os nossos ombros, agentes de pastoral e de modo particular, os párocos e os educadores da

geração nova, a tarefa de propor aos jovens o encontro vivo com Jesus Cristo, alicerçando caminhos e desenhando horizontes para que os jovens se afirmem como cristãos em todos os espaços: na esfera política, na produção da cultura, na superação de reducionismos antropológicos, na reversão do quadro da dependência da droga e do álcool, na conquista da educação e de oportunidades e, principalmente, na construção da cidadania e da nova civilização do amor.

As nossas pastorais juvenis devem mirar em ajudar os jovens a conhecer Jesus Cristo e o seu projecto de amor. Urge “*fazer acontecer Jesus*” na vida do jovem! Um dos meios, inadiável será aquele de pô-lo sempre em contacto com o Evangelho, que nos apresenta uma imagem perfeita do Divino Mestre, que passou por este mundo fazendo o bem e bem todas as coisas (cfr Act 10, 38).

6. A **segunda acção pastoral**, que se vai estender por algum tempo, é a de “**redimensionar a figura do catequista chefe da comunidade**”. A eles também o dono da vinha dirige o convite: “*Ide vós também para a minha vinha*” (Mt 20, 4). Todos têm lugar na Igreja de Jesus. Não há trabalhadores mais importantes do que os outros, não há trabalhadores de primeira classe e de segunda classe, da primeira ou segunda categoria. Embora com funções diversas, todos são necessários e todos são chamados, cada um a hora determinada pelo dono da messe, a trabalhar, a dilatar o Reino de Deus, fazendo com que muitos dos nossos irmãos cheguem “*ao conhecimento da verdade e à salvação*”.

Qual será o papel do “**catequista**” à frente da comunidade? No geral aquele presente no discurso do saudoso Papa João Paulo II aquando da sua visita em Angola em 1992. Dizia aos catequistas: “*Tantas vezes se ficou a dever a vós a consolidação das novas Comunidades Cristãs (...) Se os missionários não podiam estar presentes ou tiveram de partir logo após um primeiro anúncio bem rápido, fostes vós, os catequistas, quem sustentou e formou os catecúmenos, preparou o povo cristão para os sacramentos, ensinou a catequese, assumiu a animação da vida cristã da sua aldeia ou do seu bairro. (...) A vossa acção completa a do sacerdote, e mostra o verdadeiro rosto da Igreja, que deve ser missionária em todos os seus membros, tanto leigos como clérigos*”.

Para corresponder àquilo que os tempos de hoje exigem, será nossa tarefa e **nossa obrigação** proporcionar-lhes a devida e adequada formação. As exigências do Evangelho são grandes, tanto na vida da Igreja como no mundo. A boa vontade, não basta, porque o trabalho dos catequistas vai-se tornando cada vez mais difícil e exigente, devido às mudanças eclesiais e culturais em curso. Daqui a necessidade urgente *duma “preparação doutrinal e pedagógica mais cuidada, e uma constante renovação espiritual e apostólica” (Redemptoris Missio, 73)*, no espírito de Cristo.

7. Meus irmãos e minhas irmãs, estimados diocesanos, continuemos com a nossa celebração, implorando, por intercessão de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Muxima, e de São Francisco de Assis, padroeiro da diocese, as copiosas graças e bênçãos para a nossa diocese de Viana e pelos seus filhos e filhas para que se tornem testemunhas do amor de Deus! Amém.